

Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)

Meanings of sexuality in annals of Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)

Felipe Bastos

Universidade Federal de Juiz de Fora - CAp João XXIII
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
felipe.bastos@ufjf.edu.br

Raquel Pinho

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
raquel.aps@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender os sentidos da sexualidade atribuídos nos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Buscamos artigos que versassem sobre a temática da sexualidade nas atas dos dez encontros já realizados através de buscas por palavras-chave como sexo, gênero, DST, gravidez, entre outros. A sexualidade nos parece um tema pouco expressivo para este encontro, totalizando menos de 2% de artigos em todos os encontros. Identificamos forte presença feminina na autoria destes trabalhos, filiadas a universidades públicas. Ainda que seja um encontro voltado para pesquisa em ciências, nossa análise indica que a abordagem sociocultural da sexualidade predomina na maioria dos artigos, inclusive com mais recorrência do que abordagens que privilegiam aspectos biológicos da sexualidade. Também verificamos abordagens éticas e psicológicas.

Palavras chave: ENPEC, gênero, sexualidade

Abstract

This article aims to understand the meanings of sexuality attributed in articles presented at the National Meeting of Science Education Research (ENPEC). We sought for sexuality themed articles in the annals of ten meetings through searches in their titles for keywords as sex, gender, STD, pregnancy, among others. We conclude that sexuality is an inexpressive topic for this meeting, totaling less than 2% of articles in all meetings. We identified strong female presence in these works, affiliated with public universities. Although it is a reunion towards research in science education, our analysis indicates the sexuality sociocultural approach prevails in most of the articles, even more than approaches that emphasize biological aspects of sexuality. We also encountered ethical and psychological approaches.

Key words: ENPEC, gender, sexuality

Introdução

Sexualidade e gênero são conceitos relacionados entre si, bem como ao componente biológico do corpo, além de possuírem caráter fortemente cultural. Não são impulsionados por puro instinto; estão inseridos em um processo histórico e relacional, o que significa dizer que se constituem em meio a uma rede que envolve corpo, prazer, normas, proibições, fugas, saberes e poderes (Anderson FERRARI, 2014)¹. A forma como a cultura se apropria dos corpos define práticas e rituais relacionados ao sexo, assim como os corpos tomam forma e se modificam através de discursos e costumes culturais. Esse processo resume a construção sociocultural das identidades sexuais e de gênero, ou seja, tais identidades são contextuais.

Apesar de profundamente relacionados, gênero e sexualidade configuram categorias de análise distintas. Consideramos que gênero conota a dimensão psicológica e cultural, inscrita nos corpos biológicos, construída social e historicamente, baseada em sentidos de feminino, masculino e seus estereótipos, e que envolve relações de poder nas diversas instituições sociais. Já sexualidade se expressa no conjunto de vivências, práticas cotidianas, usos e costumes associados à intimidade, ao prazer e às expressões amorosas. Ela está envolvida em valores morais e é influenciada por práticas, discursos e pensamentos coletivos (Jimena FURLANI, 2007). Ainda que sejam tratadas em termos de categorias, tais como as orientações sexuais, as identidades sexuais são pessoais e constantemente construídas durante o processo de vida dos sujeitos.

O nosso entendimento sobre comportamento sexual é relativamente recente. Até meados do século XX, os principais registros de estudos sobre sexualidade envolviam descrições anatômicas de órgãos e psicológicas de, até então, distúrbios e perversões sexuais. Foram os trabalhos sobre comportamento sexual masculino, iniciados por Alfred Kinsey e seus colaboradores em 1940 que inauguraram o enfoque sociocultural para a sexualidade (Anthony GIDDENS; Philip SUTTON, 2016). Na área de Ensino, a análise apresentada por Zilene Pereira e Simone Monteiro (2013) indica que, pelo menos, desde 2006, são publicados artigos sobre sexualidade.

As discussões sobre sexualidade no ensino de ciências e biologia são permeadas por uma tensão clássica entre ciência e cultura, no qual as diferenças culturais correm o risco de, por vezes, serem encerradas em resultados meramente biológicos, de cunho genético, físico-químico ou ambiental. Por exemplo, não é incomum encontrarmos descrições em livros didáticos de biologia que classificam indivíduos que nascem com conformação genética diferente como *síndromes* ou *anomalias* cromossômicas. Síndrome se refere ao conjunto de sinais e sintomas manifestados em diversos processos patológicos. Já anomalia é qualquer irregularidade ou anormalidade, e em biologia, pode se referir aos corpos. Tampouco é incomum encontrarmos, seja nos artigos científicos ou nos currículos das disciplinas escolares, discussões que coloque estas diferenças em perspectiva de inferiorização dos indivíduos que as possuem. São considerados como erros, transformados em estigmas sociais, às margens do que se espera nos seres humanos. A associação entre patologia e diferença acontece mesmo quando não há comprometimento da saúde e do desenvolvimento dos indivíduos portadores.

¹ Optamos por referenciar autoras e autores com nome e sobrenome. Consideramos esta opção uma tentativa de evidenciar os gêneros de pesquisadoras e pesquisadores e, por consequência, as mulheres na pesquisa, o que pode contribuir com o reconhecimento e a valorização da identidade feminina no campo e de forma mais ampla (Raquel PINHO; Rachel PULCINO, 2016).

É preciso ter em mente que as diferenças – tanto em seu sentido biológico quanto social – não apenas existem, mas são preenchidas de significado social e de valores morais. Inclusive em trabalhos acadêmicos, uma vez que pesquisadoras² carregam tais significados e valores e fazem uso deles em suas pesquisas. Dessa forma, a complementaridade das interpretações biológicas e socioculturais e suas relações podem proporcionar a ampliação e/ou ressignificação do conhecimento científico.

Gostamos de pensar que nossos conceitos são atemporais e universais, que representam categorias básicas do comportamento humano e da organização social. Mas um momento de reflexão mostra que todos os nossos conceitos são histórica e geograficamente situados e representam uma maneira de pensar ligada a um lugar, tal país, tal época. Talvez nossos conceitos sejam ainda mais provincianos que isso e estejam amarrados também a determinada classe social, a tal grupo profissional, tal grupo de gênero. (Howard BECKER, 2008, p. 8)

A reflexão de Howard Becker (2008) evidencia não apenas o caráter histórico, geográfico e socialmente contextualizado da ciência, mas também nos aponta seu caráter provisório, uma vez que a época e toda a sua influência geracional precisam também ser consideradas na construção do conhecimento científico. Por isso, pensamos a pesquisa em Ensino de Ciências para além de seus valores hegemônicos e tradicionalmente favorecidos e reconhecemos a necessidade de estabelecer sua interface com saberes de outros campos científicos. Os cientistas naturais muito se interessam pelos comportamentos dos fenômenos, leis e teorias que podem explicá-los e prevê-los. Já os cientistas sociais, em particular os pesquisadores em Educação, buscam entender as ações de todos os indivíduos da prática pedagógica como também o contexto sociocultural que provém o quadro de significados, objetivos, propósitos e valores em que cada uma dessas ações está situada (Denis PHILLIPS; Nicholas BURBULES, 2000).

Assim, o presente trabalho busca compreender no âmbito de interlocuções entre as ciências humanas e biológicas, os diversos sentidos que a sexualidade assume nas produções textuais das dez edições ocorridas do Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências (ENPEC), promovidos pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC) e ocorrem a cada dois anos desde 1997. Optamos por nos debruçarmos sobre estes encontros diante de sua relevância para o compartilhamento de pesquisas e para construção de conhecimento entre licenciandas, pós-graduandas, professoras e pesquisadoras da Educação, do Ensino de Ciências e de áreas afins. Pelo seu caráter de revisão bibliográfica, ajuda-nos a olhar como a temática vem sendo trabalhada em nosso campo, permitindo apontamentos sobre onde a discussão se encontra e quais caminhos ela pode tomar.

Metodologia

Tomamos como base as atas das dez edições do encontro (Marco Antonio MOREIRA et al., 1997, 1999, 2001, 2003; Roberto NARDI; Oto BORGES et al., 2006; Eduardo MORTIMER, 2007, 2009; Isabel MARTINS et al., 2011, 2013; Sandra SELLES et al., 2015) disponibilizadas online. Para buscar os trabalhos que versassem sobre o tema da sexualidade,

² A regra gramatical da língua portuguesa que define o masculino como elemento neutro em substantivos e adjetivos foi deliberadamente invertida para o feminino como referência ao neutro, independentemente do sexo dos sujeitos ao qual o termo se refere. Seguindo esta lógica, os substantivos e adjetivos usados no masculino neste texto ocorrem somente em referência específicas a sujeitos masculinos.

elencamos trinta e sete palavras-chave recorrentes em trabalhos sobre a temática e elaboramos uma busca virtual em títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos. Em seguida, filtramos mais uma vez os trabalhos através da leitura dos resumos e eliminamos trabalhos que continham termos de interesse, mas não discutiam algum sentido de sexualidade. É o que acontece com frequência para a palavra *gênero*, que pode se relacionar com a expressão *gênero textual*. Por fim, os trabalhos resultantes foram lidos para que fossem classificados de acordo com as seguintes categorias: (i) gênero das autoras, (ii) instituição das autoras, (iii) objetos de análise das pesquisas, e (iv) os sentidos de sexualidade atribuídos a estes trabalhos.

Resultados e discussão

Nos dez encontros realizados, encontramos o total de 6.660 trabalhos apresentados, dentre comunicações orais e pôsteres, com a maioria disponibilizados na íntegra. Das trinta e sete palavras-chave, apenas treze obtiveram resultados válidos. Conforme apresentado na Tabela 1, localizamos 146 ocorrências.

Termos	I ENPEC	II ENPEC	III ENPEC	IV ENPEC	V ENPEC	VI ENPEC	VII ENPEC	VIII ENPEC	IX ENPEC	X ENPEC	Soma total	Porcentagem
Sex-	-	-	1	5	7	5	11	16	19	7	71	48,63%
Gênero	-	-	1	-	3	1	3	6	10	8	32	21,92%
Corpo	-	-	1	-	3	-	-	6	4	3	17	11,64%
Mulher	-	-	-	-	1	1	1	1	-	3	7	4,79%
Gravidez	-	-	-	-	-	2	-	1	1	1	5	3,42%
AIDS	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	3	2,05%
Feminis-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	1,37%
Prazer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2	1,37%
Preconceito	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2	1,37%
Reprodu-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2	1,37%
DST	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	0,68%
Menina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,68%
Puberdade	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	0,68%
Total	0	0	4	6	16	9	15	33	37	26	146	100%

Tabela 1: Resultados de busca por termos nas edições do ENPEC.
 Fonte: Elaboração própria.

Podemos perceber que, ao tratar sobre a temática da sexualidade, a predominância de termos encontrados são *sex* – que muitas vezes aparece sob a expressão Educação Sexual –, gênero e

corpo. Uma vez que alguns dos artigos encontrados continham mais de uma das palavras selecionadas no mesmo título, este resultado se reduz para 118 trabalhos totais de interesse. O Gráfico 1 apresenta a divisão destes trabalhos por ENPEC, bem como indica a porcentagem relativa em cada encontro.

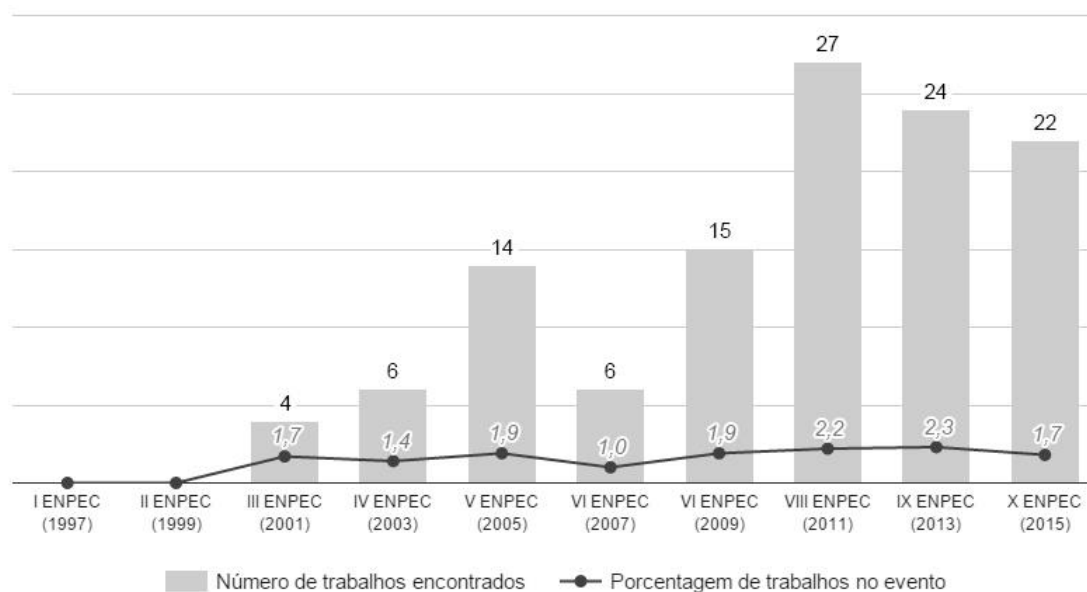


Gráfico 1: Trabalhos selecionados nas edições do ENPEC com temas afins à sexualidade.
Fonte: Elaboração própria.

Não foram encontrados trabalhos sobre sexualidade nos dois primeiros encontros, em 1997 e 1999. Em 2001, foram aprovados 233 trabalhos, sendo 4 relacionados à sexualidade, o que equivale a 1,7% do total. Um possível fator de influência para o surgimento da temática neste encontro pode ser a consolidação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1998, principalmente em função da elaboração do volume Orientação Sexual, que estabeleceu a sexualidade enquanto tema transversal de importância para o ensino fundamental. Em 2003, foram aprovados 431 trabalhos, dos quais 6 nos interessam, o que representa 1,4% do total. Em 2005, foram 739 trabalhos aprovados. Este aumento substancial de trabalhos se deve à realização da Primeira Escola de Formação de Pesquisadores em Educação em Ciências, da ABRAPEC, na qual foram ministrados prioritariamente para estudantes de mestrado e doutorado na área de Educação em Ciências, dez cursos de dezesseis horas cada. Contudo, isso não representou maior presença do tema no evento, que contou com 14 trabalhos dentro da temática, o que representa 1,9% do total. Em 2007, observamos uma queda na proporção de trabalhos. Dos 601 trabalhos aprovados, 6 nos interessam, o que representa 1% do total. Em 2009, foram aprovados 798 trabalhos, e também 15 estavam dentro do recorte desta pesquisa, isto é, 1,9% do total. Em 2011, 27 dos 1235 trabalhos aprovados falavam de sexualidade, 2,2% do total. Já em 2013, foram 24 de 1060 apresentações, o que equivale a 2,3%. E, por fim, em 2015, dos 1272 trabalhos aprovados, 22 cabiam no recorte, o que representa 1,7% do total.

A análise dos trabalhos selecionados indica uma certa constância da presença da temática nos eventos. Apesar da crescente visibilidade das lutas de movimentos sociais (Raquel PINHO; Rachel PULCINO, 2016) e do debate das políticas públicas tanto para promoção das temáticas como sexualidade e gênero na escola e fora dela quanto no combate a preconceitos e discriminações (Cláudia VIANNA, 2015), não verificamos crescimento de trabalhos sobre o assunto na relação com o total por evento. Por outro lado, percebe-se que a partir do VIII ENPEC, em 2011, houve aumento em números absolutos de trabalhos.

Assim, esta análise não indica menor interesse do encontro com a temática. Além disso, se observamos como se comportam os encontros para além destes 118 trabalhos, encontramos conferências, mesas redondas e cursos, atividades encomendadas pela organização do evento que incluem discussões sobre a temática. No VI ENPEC, aparece a primeira palestra relacionada ao tema. Nele, foi oferecida a mesa redonda 8 - *Educação Científica e Diversidade*, cuja descrição versa sobre multiculturalismo e ciência, apontando questões de “representação de identidades individuais, coletivas e institucionais, articulando-se ao planejamento, à avaliação e às formas de se conceber a pesquisa e a construção do conhecimento científico”. No VII ENPEC, ocorreu a conferência 1 - *Science, culture and citizenship: cross-cultural science education*, cuja abordagem tratou da interculturalidade e do debate sobre identidades e saberes hegemônicos no campo da pesquisa e do ensino de ciências. No VIII ENPEC, aconteceu a mesa redonda 4 - *Saúde, ambiente e educação*, na ausência de uma descrição oficial nos anais, supomos que tinha potencial para tratar do corpo no ensino das ciências. Igualmente sem descrição, encontramos nesta edição, o curso *O papel das controvérsias histórico-filosóficas no ensino de ciências*, tais controvérsias usualmente incluem discussões sobre aborto. Foi também no VIII ENPEC que ocorreu a divisão dos trabalhos em sessões temáticas, sendo um dos eixos: *Diversidade, multiculturalismo e Educação em Ciências*, cuja abordagem se refere a relações entre ensino de ciências e temas tais como inclusão, gênero, raça, etnia, classe; educação indígena e de demais grupos sociais específicos; políticas de ações afirmativas. Na nona edição, verificamos a entrada direta no campo do gênero e sexualidade ao encontrar na programação o debate 1 - *Relações de gênero nas pesquisas em Ciências e na pesquisa em Educação em Ciências*. Ainda no IX ENPEC foi oferecido o curso *Educação em Ciências e Direitos Humanos: repensando a formação do professor*. Por fim, no X ENPEC, houve a mesa redonda 3 - *Quando a diferença instiga a pesquisa e o ensino: políticas, práticas de inclusão e educação em ciências*.

No que se refere às categorias de gênero e da instituição das 278 autoras destes trabalhos selecionados, nossa análise indica forte participação feminina nestes artigos, no qual cerca de três quartos destas pesquisadoras são mulheres³ e grande predominância de vínculos das pesquisadoras com universidades públicas, tal como mostra a Tabela 2.

³ Os nomes que não identificam o gênero da pesquisadora foram consultados na Plataforma Lattes, onde outras informações, como termos “professor” ou “professora”, auxiliaram na identificação.

Categorias de análise		III ENPEC	IV ENPEC	V ENPEC	VI ENPEC	VII ENPEC	VIII ENPEC	IX ENPEC	X ENPEC	Soma total	Porcentagem
Gênero	Feminino	5	7	14	16	26	55	39	48	210	75,54%
	Masculino	2	3	6	3	8	14	18	14	68	24,46%
	Total	7	10	20	19	34	69	57	62	278	100%
Instituição	Universidade pública	3	6	12	6	16	25	21	26	115	78,23%
	Ed. Básica, Técnica e Tecnológica	-	-	2	1	1	2	2	6	14	9,52%
	Universidade privada	3	-	3	1	3	1	1	1	13	8,84%
	Instituto de Pesquisa	-	-	-	-	-	1	3	-	4	2,72%
	Total	6	6	17	8	20	29	27	33	146	100%

Tabela 2: Classificação por gênero e instituição das autoras dos trabalhos selecionados.

Fonte: Elaboração própria.

Estes resultados não apresentam novidades. A predominância feminina em artigos sobre sexualidade e gênero já foi verificada em outros encontros acadêmicos (Fernanda ETTER et al., 2014; Márcia FERREIRA; Georgina NUNES; Márcia KLUMB, 2013). Vale sublinhar o aumento na presença masculina, principalmente nos últimos dois encontros. A forte presença de pesquisadoras filiadas às universidades públicas pode ser compreendida tanto pelo escopo de trabalhos solicitados pelo ENPEC – resultados de pesquisa –, quanto da própria valorização da pesquisa nestas instituições. Por outro lado, o número de autoras filiadas a universidades particulares quase que iguala ao de autoras filiadas a escolas da Educação Básica, Técnica ou Tecnológica.

No que se refere ao foco de análise dos trabalhos, buscamos compreender com quem ou com o quê as pesquisadoras buscam entender sexualidade em relação com o Ensino de Ciências. Os resultados estão expressos na Tabela 3.

Objetos de análise	III ENPEC	IV ENPEC	V ENPEC	VI ENPEC	VII ENPEC	VIII ENPEC	IX ENPEC	X ENPEC	Soma total	Porcentagem
Pesquisa com estudantes	3	4	-	1	4	9	8	10	39	30,23%
Análise documental	1	1	-	1	7	9	9	4	32	24,81%
Pesquisa com professoras	-	3	5	2	2	4	6	4	26	20,16%
Pesquisa com outros sujeitos	-	2	1	-	1	1	2	2	9	6,98%
Pesquisa com licenciandas	-	-	1	-	-	2	3	2	8	6,20%
Outros	-	-	6	2	1	2	1	3	15	11,63%
Total	4	10	13	6	15	27	29	25	129	100%

Tabela 3: Classificação por objetos de análise dos trabalhos selecionados.

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a Tabela 3, os principais objetos de análise focam em pesquisas com estudantes da escola básica (30,23%), seguidos de análise documental (24,81%) e de pesquisas com professoras da escola básica (20,16%). A pesquisa com sujeitos da Educação Básica engloba principalmente Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA, mas tivemos registros de pesquisa com Educação Infantil e Ensino Fundamental I. A maioria dos trabalhos focam em espaços formais de educação; espaços não-formais e informais praticamente não aparecem. Os trabalhos que se voltaram para pesquisas com outros sujeitos – tais como diretoras ou parentes de alunas – somam 6,98% do total e pesquisas com futuras professoras de Ciências e Biologia somam 6,2%. Outros 15 trabalhos (11,63%) apresentam focos distintos de análise, tais como construção de oficinas ou reflexões teóricas sobre alguma temática da sexualidade.

Por fim, no que se refere ao objetivo central do presente trabalho, os sentidos de sexualidade nestes 118 artigos encontrados foram analisados. Optamos por categorizar de acordo com quatro áreas de conhecimento. Os *aspectos biológicos* dizem respeito a temas como corpo humano, sistema reprodutor, saúde individual, saúde coletiva, doenças e profilaxia, DST, HIV/AIDS, menstruação, concepção, gravidez e contracepção. Os *aspectos socioculturais* são relativos a temas como gênero, orientação sexual, homossexualidade, movimentos sociais, identidade, diferença, diversidade, interseccionalidade, mídia, família, processos históricos, rituais, casamento e religião. Os *aspectos psicológicos* incluem relacionamentos, emoções, prazer, orgasmo, masturbação, comportamentos e autoestima. Por fim, os *aspectos éticos* englobam valores, diálogo, respeito, solidariedade, preconceito, regras morais, tolerância, aborto, liberdade sexual, estupro e tabus. Os resultados são apresentados na Tabela 4.

Sentidos de sexualidade	III ENPEC	IV ENPEC	V ENPEC	VI ENPEC	VII ENPEC	VIII ENPEC	IX ENPEC	X ENPEC	Soma total	Porcentagem
Sociocultural	3	5	12	5	12	26	20	21	104	87,39%
Biológico	3	6	10	5	8	17	14	12	75	63,03%
Ético	3	6	9	-	5	14	10	5	52	43,70%
Psicológico	2	6	4	3	2	15	4	6	42	35,29%
Total	11	23	35	13	27	72	48	44	273	

Tabela 4: Classificação quanto aos sentidos de sexualidade nos trabalhos selecionados.
 Fonte: Elaboração própria.

Cada trabalho foi analisado diante dos quatro sentidos de sexualidade, ou seja, um mesmo trabalho pode ter somente um ou até os quatro sentidos estabelecidos. Na coluna *Porcentagem*, cruzamos os somatórios de cada sentido com o total de artigos encontrados, por isso a soma das porcentagens ultrapassa os 100%. Quase 90% dos trabalhos levantam aspectos socioculturais para compreender a sexualidade, mais do que o encontrado para aspectos biológicos, que somam 63% dos artigos. Ainda que se espere maior predominância da abordagem biológica no tratamento da sexualidade em trabalhos apresentados num encontro sobre pesquisa em educação em ciências, este resultado demonstra a preocupação do ENPEC em valorizar diferentes pontos de vista.

Foram também recorrentes as abordagens ética (43,7%) e psicológica (35,29%) para a sexualidade. Num encontro destinado a pesquisas e pesquisadoras das áreas do ensino, é relevante observar estas duas abordagens. O sentido psicológico para a sexualidade nos fornece caminhos para além dos discursos reducionistas da sexualidade enquanto resposta unicamente biológica. Trazer a psicologia e suas reflexões sobre a subjetividade humana (Luan CASSAL; Aline GARCIA; Pedro BICALHO, 2011) para a biologia contribui na construção multidimensional dos saberes sobre a sexualidade.

Já em relação à perspectiva ética da sexualidade, acreditamos que esta convida seus interlocutores a pensar num campo de conhecimento capaz de atenuar práticas de preconceito, discriminação e de violência contra aqueles sujeitos que destoam dos padrões para sexualidade. É um viés de análise rico para construir diálogos entre as explicações das ciências naturais e das ciências sociais para a sexualidade. A presença marcante deste sentido de sexualidade reforça a nossa percepção do encontro enquanto espaço de valorização das tensões entre ciência e cultura para promoção de uma visão complexa sobre aspectos identitários.

A sexualidade está circunscrita em questões éticas uma vez que os dispositivos de sexualidade (Michel FOUCAULT, 1984) legitimam modos de exercício e de comportamento sexuais e produz normalidades e verdades morais sobre identidades sexuais. Sobre isso, Guacira Louro (2000) nos dá indícios de como os saberes da sexualidade acontecem na escola: (i) através de informações de um mundo à parte das crianças, destinado ao mundo dos adultos; (ii) em estreita relação com a noção de família nuclear; (iii) é intimamente voltada e praticamente exclusiva para a reprodução humana no viés heteronormativo; e (iv) cercada pela doença, pela higiene e, portanto, para o cuidado e o controle. O espaço escolar é um espaço de valores em

disputa. Tratar da sexualidade na escola é assumir um posicionamento ético em relação à diversidade.

É importante marcar o espaço que a sexualidade ocupa nos trabalhos do ENPEC através das questões que envolvem saúde individual e coletiva, presentes nos trabalhos com sentido biológico para a sexualidade. Em análise similar para os trabalhos apresentados nas edições do Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO), Fernanda Etter e colaboradoras (2014) identificam que parece ser através destes vieses que são mediadas questões sobre sexualidade na escola. Com efeito, dos 75 trabalhos que observamos no ENPEC que apresentaram sentido biológico para a sexualidade, 70 trouxeram outras abordagens imbricadas e somente 5 trabalhos se dedicaram a tratar da sexualidade exclusivamente na direção das ciências biológicas.

Considerações finais

A partir deste levantamento, nos parece que a sexualidade é um tema pouco expressivo nas atas do ENPEC, com uma média de 1,77% de trabalhos aprovados. Acreditamos que tal porcentagem de artigos sobre sexualidade num encontro voltado para a área de pesquisa em Ensino de Ciências possa se justificar pelas disputas com outras temáticas, já consolidadas nesta área de pesquisa. Além disso, consideramos que a sexualidade é um assunto pouco explorado em pesquisas na área de ensino, tanto por sua característica interdisciplinar quanto pelos estigmas que este assunto ainda traz para o espaço escolar.

Entendemos que as discussões sobre os diversos sentidos que a sexualidade pode apresentar emergem no espaço escolar de forma complexa, multifacetada e censurada. As pesquisas apresentadas pelo ENPEC nos fornecem caminhos para empreender esta pluralidade no espaço escolar e acreditamos que é principalmente através da abordagem ética para a sexualidade que podemos conciliar igualdade e diferença em nossas práticas docentes e pesquisas acadêmicas, em busca de valorizar a diversidade, questionar preconceitos e minimizar discriminações.

Referências

- BECKER, H. S. **Segredos e truques de pesquisa**. Tradução: Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CASSAL, L.; GARCIA, A.; BICALHO, P. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **PSICO**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, pp. 465-473, 2011.
- ETTER, F.; ALVES, L.; FERREIRA, M.; GOMES, M. Sentidos de sexualidade em produções acadêmicas: Investigando os anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (2005-2012). **Revista SBenBio**, Niterói, v. 7, p. 2085–2096, 2014.
- FERRARI, A. Experiência homossexual no contexto escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, n. Especial 1, p. 101–116, 2014.
- FERREIRA, M.; NUNES, G.; KLUMB, M. As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPED de 2000 a 2006. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 55, p. 899-920, 2013.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FURLANI, J. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação

Sexual. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 269–285, 2007.

GIDDENS, A.; SUTTON, P. **Conceitos essenciais da Sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

LOURO, G. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

MARTINS, I. et al. (Org.) **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Água de Lindóia, SP: ABRAPEC, 2013.

MARTINS, I. et al. (Org.) **Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Campinas, SP: UNICAMP/ABRAPEC, 2011.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do I Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Porto Alegre: Instituto de Física da UFRGS, 1997.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Valinhos, SP: ABRAPEC, 1999.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do III Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Atibaia, SP: PUCRS/ABRAPEC, 2001.

MOREIRA, M. A. et al. (Org.) **Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Bauru, SP: UNESP Bauru/ABRAPEC, 2003.

MORTIMER, E. F. et al. (Org.) **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Florianópolis, SC: UFSC/ABRAPEC, 2007.

MORTIMER, E. F. et al. (Org.) **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Florianópolis, SC: UFSC/ABRAPEC, 2009.

NARDI, R.; BORGES, O. (Org.) **Anais do V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Bauru, SP: ABRAPEC, 2006.

PEREIRA, Z.; MONTEIRO, S. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente. In: MARTINS, I. et al. (Org.) **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Água de Lindóia, SP: ABRAPEC, 2013.

PHILLIPS D. C., BURBULES N. C. Can, and Should, Educational Inquiry Be Scientific? In: **Postpositivism and Educational Research**. Rowman & Littlefield Publishers, p. 65-95, 2000.

PINHO, R.; PULCINO, R. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 665-680, 2016.

SELLES S. et al. (Org.) **Anais do X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. As políticas educacionais e Educação em Ciências: impactos na pesquisa, no ensino e na formação profissional. Água de Lindóia, SP: ABRAPEC, 2015.

VIANNA, C. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 791-806, 2015.